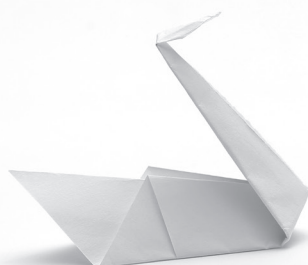


RAUL MINH'ALMA

TUDO FOI  
COMO TINHA  
DE SER

INSPIRADO  
EM FACTOS REAIS



## FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora  
instagram.com/manuscrito\_editora

© 2023

Todos os direitos relativos à chancela Manuscrito encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.  
Estrada das Palmeiras, 59  
Queluz de Baixo  
2730-132 Barcarena

Título original: *Tudo Foi como Tinha de Ser*

Autor: *Raul Minh'alma*

Copyright © Raul Minh'alma, 2023

Copyright © Editorial Presença, S.A., Lisboa, 2023

Revisão: *Paula Caetano/Editorial Presença*

Ilustrações do autor

Fotografia do autor © Laura Mostardinha

Imagem da capa: *Ildiko Neer/Trevillion Images*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento:

*Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

ISBN 978-989-9087-96-5

Depósito legal n.º 521 731/23

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2023

*A ti, para que continues a brilhar,  
apesar da escuridão.*





Os últimos seis meses tinham sido os mais difíceis da vida de Mariana. Tudo começara com a partilha de um vídeo íntimo, gravado de forma sorrateira, numa das divisórias da casa de banho de uma discoteca local. As imagens foram maliciosamente divulgadas nas redes sociais e partilhadas uma infinidade de vezes, perdendo-se o rasto do autor. A vida de Mariana, que tinha apenas dezanove anos, ficou virada do avesso. O sucedido alastrou-se pela cidade, empolado pelo facto de ser filha dos donos de uma fábrica de móveis de luxo muito conhecida na zona, e ainda pelos corredores da faculdade, onde frequentava o segundo ano de Marketing. Ir às aulas, ou até sair à rua, tornou-se uma tarefa cada vez mais penosa para aquela rapariga, que sempre tivera um ar rebelde. Esses traços de personalidade fizeram-na acreditar durante muito tempo que a opinião dos outros não era assim tão importante e que uma história daquelas nunca lhe faria grande moossa. A verdade é que, para sua surpresa, não poderia estar mais enganada. Desde essa altura, ficou com a sensação de que toda a gente com quem se cruzava na rua a conhecia. Os olhares pareciam sempre demasiado

indiscretos e era como se um burburinho se formasse atrás de si enquanto caminhava. As suas redes sociais também acabaram inundadas de insultos e comentários desagradáveis. Nem todas as mensagens que recebia eram más, algumas eram de apoio e solidariedade para com a sua situação, mas acabaram por não ser suficientes para contrabalançar a maldade e o julgamento gratuito de que era vítima. Como consequência de tudo isso, Mariana acabaria por desativar as suas redes. Utilizava apenas as plataformas *online* da empresa de mobiliário dos pais, das quais era gestora há muito tempo. Era através delas que punha em prática o seu talento, conhecimento e paixão que a levaram a enveredar pela área do *marketing*. Na verdade, essa era a sua principal atividade desde que decidira congelar a matrícula na faculdade, tendo em conta que já não se sentia à vontade para ir às aulas. Quando não tinha publicações para fazer ou conteúdos para criar, entretinha-se a ler ou a praticar *origami*, paixões que descobrira recentemente quando a sua vida passara a acontecer quase apenas dentro de casa. Após a divulgação do vídeo, Mariana foi deixando de conviver com os amigos e até de sair à rua, algo que fazia com frequência para, por exemplo, passear *Loki*, o labrador da família. A sua vida social tornou-se cada vez mais difícil de manter e o seu mundo começou a encolher até ficar do tamanho da casa onde vivia com os pais e a irmã, Francisca, um ano e meio mais nova. Sair à rua tornara-se uma tortura, mas fazia-o quando era absolutamente necessário, como uma ida ao médico ou uma deslocação à fábrica dos pais, a fim de recolher material digital para divulgar nos canais da empresa. No entanto, tudo o que pudesse ser feito em casa era feito em casa. Pelo menos, não era o pior lugar do mundo para se estar presa pensava Mariana para desdramatizar a situação. Até porque a casa onde vivia era bastante ampla, o equilíbrio perfeito entre o passado e o presente, uma vez que se tratava originalmente de um edifício com mais de um século que fora remodelado e tinha agora uma arquitetura mais moderna. Ficava numa zona antiga e nobre da cidade, e estava rodeada de prédios históricos. Tinha dois pisos, um grande jardim na parte da frente e um gradeamento alto

à volta do terreno. Os quartos ficavam no andar de cima, assim como a biblioteca que servia de escritório a Mariana. Era lá que passava grande parte do seu tempo e de onde tinha a melhor vista, não só para a rua do lado, por uma porta francesa envidraçada com um varandim, como para o jardim em frente, por uma grande janela. Na biblioteca, também aconteciam as consultas semanais de Psicologia que os seus pais lhe tinha imposto e que duravam há pouco mais de um mês. Era uma dessas consultas que estava a ter nesse momento.

— E então, como foi esta semana? *Perguntou a psicóloga, sentada numa poltrona diante de Mariana.*

— Foi boa. *Limitou-se a responder, desviando o olhar e batendo com os dedos nos braços da poltrona.*

— Notou alguma evolução?

Mariana torceu o nariz.

— No que diz respeito a sair de casa, nem por isso...

— Então, porque me diz que a semana foi boa?

— Porque só discuti umas... três ou quatro vezes com os meus pais. Tendo em conta que, quando levava uma vida normal, era pelo menos uma discussão por dia, acho que tem sido uma evolução. Afinal, não há só desvantagens em estar fechada aqui.

— Discutir menos é sempre bom, e ver o lado positivo das coisas más também, mas gostava que nos concentrássemos, neste momento, no tema principal. Tentou experimentar alguma das minhas sugestões? Passar mais tempo no jardim ou, eventualmente, dar um passeio com o *Loki* nas ruas perto de casa... *Mariana negou com a cabeça.* Tentou experimentar outra coisa ao longo desta semana? *Voltou a abanar a cabeça.* Posso saber porquê?

Mariana encolheu os ombros.

— Porque já o fiz e não mudou nada.

— Acha que já tentou vezes suficientes?

— Tentei as vezes suficientes para que houvesse algum avanço e não houve. Portanto, devo estar a fazer alguma coisa errada.

— O que é que poderia estar a fazer de errado?

— Diga-me a doutora...

— É a terapia? Não se revê nesta terapia?

— Não sei, só sei que não está a resultar.

Ao contrário da psicóloga, que trazia uma roupa mais formal, Mariana estava vestida com umas *leggings* e uma das *T-shirts* que roubara ao pai. Ficava-lhe demasiado grande, o que lhe conferia um aspeto ainda mais franzino do que aquele que já tinha por natureza. Nos últimos meses, os seus *outfits* eram muito semelhantes àquele que estava a usar, tendo em conta que as maiores deslocações eram do quarto até à cozinha. O cabelo escuro e comprido descia-lhe em ondas por trás dos ombros, e os olhos grandes e rebeldes iluminavam um semblante muitas vezes apático. Uma apatia que dificultava aquelas consultas de Psicologia, que acabavam por ser quase sempre pouco produtivas. Depois de cerca de quarenta minutos em que a psicóloga tentou, uma vez mais, levar avante o seu trabalho, sentiu que precisava de abrir o jogo.

— Mariana... Eu não poderei resolver os seus problemas. *Disse a terapeuta, depois de se endireitar na poltrona e inspirar fundo.* Mas não poderei ser eu nem mais ninguém, a não ser a Mariana. O meu papel é ajudá-la, mas só poderei fazê-lo se quiser ser ajudada. Caso contrário, tudo isto será em vão.

— Não quero fazê-la perder o seu tempo, doutora.

— Se estiver recetiva à minha ajuda, se confiar no meu trabalho e se colaborar comigo, não estarei a perder o meu tempo.

Mariana fez um compasso de espera antes de lhe responder.

— Acho que tenho de resolver isto sozinha. Ou então aceitar que sou assim, que a vida é assim, que as pessoas são assim...

— A aceitação é muito importante e é o primeiro passo para tudo, mas não podemos confundir aceitação com conformismo.

— Qual é a diferença?

A psicóloga refletiu por momentos sobre aquela pergunta, para lhe dar a resposta mais clara possível.

— Bom, de uma forma resumida, diria que a aceitação é reconhecer o que não pode ser mudado ou melhorado e estar em paz com isso. E o conformismo é reconhecer o que pode ser mudado ou melhorado e não fazer nada em relação a isso. Ou seja, é importante



a Mariana aceitar o passado e aceitar aquilo que é por causa desse passado, mas sem nunca se render a ele, sem tirar o pé do acelerador e sem perder a esperança num futuro melhor. Ninguém está condenado a ser amanhã o que é hoje e foi ontem. Somos seres em constante evolução e aprendizagem.

— Pois, tudo isso é muito bonito, e tudo faz muito sentido, mas seria mais fácil de pôr em prática se as pessoas fossem menos maldosas e menos intolerantes. Parece que estão sempre à espera de ver alguém cair para se sentirem melhor com elas próprias. Sabe, doutora, quanto mais conheço as pessoas, mais gosto do meu *Loki*.

— Percebo a revolta que a Mariana sente, é perfeitamente legítima por tudo o que tem vivido nos últimos tempos, mas acredite que o mundo não está contra si.

— O mundo não está contra mim... *Disse Mariana, ao mesmo tempo que se levantava, deslocando-se para trás da poltrona.* Mas eu estou contra o mundo. *Concluiu, com um olhar tão decidido que deixou a psicóloga sem resposta.* Peço desculpa, doutora, mas... talvez ainda não seja este o nosso momento.

— Pretende parar com as nossas consultas?

— Parar ou fazer uma pausa, logo se vê.

A terapeuta assentiu e levantou-se, encarando-a com um semblante carinhoso e empático.

— Diga-me uma coisa, Mariana, se não tivessem sido os seus pais a escolherem-me e a convencê-la a fazer terapia, acha que teria encarado tudo isto de forma diferente?

A questão pareceu pertinente a Mariana, que franziu o sobrolho.

— Não sei. Porque é que pergunta?

— Curiosidade, apenas. Tome. *Disse-lhe, entregando-lhe um dos seus cartões.* Se algum dia entender que possa ser o nosso momento, contacte-me por sua vontade. Combinado?

Mariana fez um movimento com a cabeça em forma de agradecimento e a psicóloga abandonou a biblioteca. Enroscado, no chão do corredor, estava *Loki*, que assim que viu a porta a abrir-se se levantou e entrou, dirigindo-se para Mariana, ao ritmo que a sua idade já avançada lhe permitia.

— Estavas aí fora a ouvir a nossa conversa, seu cusco? *Perguntou ela, ao recebê-lo com um afago na cabeça.* A tua sorte é que não tenho segredos para ti.

*Loki* deu meia-volta e deitou-se de novo no chão, enquanto Mariana se aproximou da porta envidraçada de onde podia olhar para a rua sempre muito movimentada ao lado da casa. Era através daquela porta que ela se ligava ao mundo, sem o medo constante do julgamento, dos mexericos e dos olhares indiscretos. Ela sabia que tinha tendência para exagerar tudo na sua cabeça, mas, mesmo tendo consciência disso, não se sentia melhor. A partir daquele vidro, vivia, por instantes, a vida das pessoas que por ali passavam, mesmo que apenas na sua imaginação. Se alguém saía da mercearia com algumas compras, tentava imaginar o que seria o jantar. Se alguém parava a conversar na rua, tentava imaginar do que estaria a falar. Se alguém saía de um dos prédios, tentava imaginar para onde iria assim vestido. Enquanto na sua cabeça ainda ruminava a conversa que tivera com a psicóloga, o olhar deteve-se num grupo de homens que andava para fora e para dentro do rés do chão de um dos prédios em frente, carregando materiais para uma carrinha. Uma dessas figuras masculinas, que por acaso estava a falar ao telemóvel, chamou-lhe a atenção. Talvez pela sua compleição física e tez morena, foi nessa figura que o seu olhar se demorou enquanto tentava imaginar o que estariam a fazer. Quando deu por si, aquele rapaz estava também a fitá-la e Mariana deu um salto para o lado, encostando-se à parede. Mal sabia ela que aquele pequeno descuido seria apenas o primeiro episódio de uma grande história...



— Fred, estou à tua espera! *Gritou Gonçalo, junto à porta do apartamento, enquanto aguardava que o amigo com quem vivia se despachasse da casa de banho para se irem embora.*

Gonçalo fazia tilintar freneticamente um molho de chaves, enquanto segurava dois capacetes *vintage* de motorizada, um debaixo do braço e o outro na mão. Os dois tinham combinado ajudar na remodelação do espaço onde iria nascer o restaurante de ambos. Além de serem amigos e partilharem casa, haviam decidido poucos meses antes que seriam também sócios de um espaço de restauração, o grande sonho de Gonçalo. Conheceram-se quando Fred disponibilizara um dos quartos do seu apartamento para arrendar e Gonçalo fora o selecionado. O tempo acabou por lhe mostrar que não poderia ter escolhido melhor. Embora tivessem nove anos de diferença, sendo que Gonçalo era o mais novo e tinha apenas vinte e um, os dois entendiam-se na perfeição, a começar pelo facto de Gonçalo adorar cozinhar e Fred adorar comer. A diferença de idades também não se refletia no aspeto físico, uma vez que Gonçalo aparentava ser mais velho. Talvez por ter uma composição física

mais robusta, a pele morena, usar barba e ter o cabelo ligeiramente comprido, ao ponto de andar com ele apanhado. O seu estilo de roupa era bastante simples e veranil, resumindo-se quase sempre a camisas, calças de linho e alpercatas, mas a sua figura era vistosa e dificilmente passava despercebido. Fred, por sua vez, era mais adepto de roupas de cores escuras, muitas vezes desportivas, e claramente não gostava tanto de sol como o amigo. A prova disso é que escolhera uma profissão essencialmente noturna, como *barman* num hotel de cinco estrelas na periferia da cidade. Apesar das suas diferenças, eram muito compatíveis e, afinal de contas, isso era o mais importante para se darem bem.

— Já estou a ir! *Gritou Fred, a sair da casa de banho.* Sabes que uma princesa precisa de tempo para se arranjar.

— Para se arranjar ou para estar sentada no trono a fazer *scroll* nas redes sociais? *Devolveu Gonçalo.* Anda, vamos!

— Estou quase pronto! Deixa-me só comer qualquer coisa, preciso de repor o *stock*.

Gonçalo fechou os olhos e soltou um suspiro audível, enquanto Fred vasculhava os armários da cozinha, à espera de encontrar qualquer coisa que lhe apetecesse comer. Acabou por pegar numa maçã da fruteira e dirigiu-se ao amigo, que lhe entregou um dos capacetes. Desceram até à garagem, subiram para a *Vespa* verde-seco de Gonçalo e arrancaram em direção ao restaurante. O vento morno do verão fazia esvoaçar a camisa de Gonçalo, assim como as madeixas de cabelo que aquele capacete dos anos 50 não conseguia conter. Agarrado ao amigo com uma mão, Fred ia comendo a maçã, enquanto zigzagueavam entre o trânsito da cidade. Chegados ao restaurante, puseram mãos à obra e começaram a ajudar os trabalhadores responsáveis pela remodelação do espaço a carregar materiais para uma carrinha. Toda a ajuda era bem-vinda, sobretudo quando o plano era abrir o quanto antes. A dada altura, Gonçalo recebeu uma chamada e teve de se afastar ligeiramente do grupo, para ouvir melhor. Quando do outro lado da linha alguém o colocou em espera, o seu olhar começou a vaguear em redor, até que algo lhe chamou a atenção. No andar de cima da casa em frente,

uma rapariga olhava para ele, detrás de uma porta envidraçada. Ao aperceber-se de que ele a observava, a rapariga desapareceu e Gonçalo não conteve um sorriso. Terminada a chamada, voltou a olhar para a casa, mas nem sinal dela.

— Vou buscar uma bebida fresca aqui ao lado. Querem alguma coisa? *Perguntou Fred aos trabalhadores.*

— Eu também vou. *Juntou-se Gonçalo, levando consigo uma certa curiosidade sobre quem seria aquela misteriosa rapariga.*

— O que estás a fazer? *Questionou Francisca, a irmã de Mariana, ao vê-la encostada à parede.*

Atrapalhada, Mariana compôs a *T-shirt* e o cabelo.

— A jogar às escondidas. *Retorquiu ela, com ironia.*

— Com o *Loki*?

— Ó Francisca, diz lá de que é que precisas.

— Do agrafador. És tu que o tens?

A irmã era muito parecida fisicamente com Mariana, mas tinham personalidades diferentes. Francisca era mais tímida, delicada e muito mais empenhada em agradar aos pais do que Mariana. Talvez por isso a sua postura perante eles fosse maioritariamente submissa, ao contrário da irmã mais velha, que não tinha problemas em estar do outro lado da barricada.

— Mais alguma coisa? *Perguntou Mariana, assim que lhe entregou o agrafador.*

— Por acaso, sim. Podes emprestar-me a tua saia de napa para este fim de semana? Vou ter um jantar de aniversário e gostava de a levar. Acho que vai ficar bem com as minhas botas pretas.

— Hummm... está bem. Pelo menos, assim, a roupa não fica a ganhar pó, já que eu não a uso.

— Boa! Obrigada.

Francisca dirigiu-se para a saída, mas antes de abandonar a biblioteca, ainda recebeu um aviso da irmã mais velha.

— Juízo...

De seguida, Mariana voltou a aproximar-se da porta envidraçada e espreitou para tentar vislumbrar aquela figura que

lhe despertara interesse, mas fê-lo com cautela para não ser vista. *Será que ele achou que eu estava a observá-lo?* Pensou. *Denunciei-me ao ter fugido. Porque é que fugi? Bastava ter desviado o rosto e disfarçado. Será que me reconheceu?* Depois de algum tempo a olhar discretamente na direção dos trabalhadores e de não o ver, Mariana deduziu que ele já não estaria por ali e relaxou, aproximando-se um pouco mais da porta. Observando agora a rua de forma mais descontraída, os seus olhos voltaram a encontrar aquele rapaz. Estava sentado numa esplanada poucos metros ao lado, também a fitá-la. Quando se apercebeu disso, estremeceu e o seu coração disparou. Subitamente, o nervosismo apoderou-se de si e sentiu as mãos a suar, mas, lembrando-se do erro que cometera antes, desviou o olhar e fingiu não ter visto nada. Valeu-lhe de pouco, tendo em conta que logo a seguir o rapaz começou a acenar-lhe. Inicialmente, fez-se de desentendida, mas depois lá apontou para si própria como quem perguntava *Eu?* Ele levantou o polegar, respondendo afirmativamente à pergunta dela, e disse mais qualquer coisa enquanto apontava na direção dos trabalhadores. Mariana fez-lhe sinal de que não percebera e ele levantou-se e aproximou-se para ela o ver melhor. Junto à estrada, mas ainda no passeio do lado dos prédios, fez um gesto com as mãos para ela abrir a porta e eventualmente conseguirem falar, mas Mariana recusou o pedido. Ele acatou a vontade dela e prosseguiu com a sua tentativa de fazer-se entender através de gestos. Voltou a apontar para o local onde estavam os trabalhadores, depois simulou que comia e apontou para si próprio. *Aquilo vai comê-lo?* Pensou Mariana, confusa, numa tradução literal dos gestos dele. Até que começou a pensar a sério e fez-se luz.

— Ele vai abrir um restaurante, será isso? *Murmurou.*

Assim que chegou a essa conclusão, levantou-lhe o polegar, como se estivesse a felicitá-lo pelo feito e ficaram a encarar-se à distância durante alguns segundos constrangedores. Até que Mariana lhe disse adeus e se afastou. Ainda que não tivessem usado a voz ou sequer palavras, o que acabara de acontecer não deixava de ser uma

conversa. E embora não tivesse sido nada especial, foi o suficiente para que ficasse a pensar sobre o assunto durante o resto do dia. Afinal, fora a primeira conversa em muito tempo que tinha com um desconhecido. Ir até junto da porta envidraçada era uma rotina de Mariana quando estava na biblioteca a trabalhar, mas agora sempre que o fazia corria o risco de cruzar olhares com aquele rapaz. Apesar de aparentar ser simpático, não sabia se gostava daquela obrigação de se cumprimentarem à distância sempre que se viam, uma vez que a barreira da indiferença já fora quebrada com aquela curta conversa. A verdade é que os olhares deles se encontraram várias vezes nos dias seguintes e, sempre que se viam, o rapaz ou sorria ou acenava. Inevitavelmente, a pergunta do costume voltou a atormentar Mariana. *Será que ele sabe do vídeo?* Questionava-se com frequência. *Se sabe, porque é que está a ser tão simpático?* *Terá alguma segunda intenção?* Talvez estivesse a exagerar, por sinal, algo habitual nos últimos tempos, mas Mariana tinha razões para ficar apreensiva e desconfiada. Logo depois de o vídeo começar a circular, vários rapazes conhecidos e desconhecidos tentaram aproximar-se dela com a expectativa de que fosse uma presa fácil. Acabaram todos por ver os seus planos gorados e ainda levaram de lembrança um dedo do meio em riste. Contudo, Mariana não se livrou de ver diminuída a sua fé na bondade das pessoas. Inquieta com a possibilidade de estar a repetir-se aquele cenário, decidiu afastar-se da porta envidraçada, mas bastaram dois dias para perceber que o mundo já estava demasiado pequeno para abdicar também daquela vista. Voltou a parar algumas vezes junto à porta e, assim que a viu, o rapaz esbracejou, dando-lhe a entender que queria dizer algo mais dessa vez. De seguida, começou a desenhar letras no ar, com o dedo. Ela negou com a cabeça, indicando que não percebera o que ele escrevera e o rapaz simulou um apagador com o antebraço. Depois, voltou a desenhar letras com o dedo, mas agora mais devagar e maiores. Desenhou um N, um O, depois uma letra que parecia ser um M e por fim um E, apontando de seguida para Mariana.

— NOME... *Murmurou ela.* Está a perguntar-me o nome?

Se ele não sabia o nome dela, provavelmente não sabia quem ela era. Essa conclusão fez Mariana sentir-se, subitamente, mais aliviada e à vontade. Uma sensação tão rara naqueles últimos meses que a fez esboçar um sorriso de alívio. Era como se acabasse de pousar um fardo que carregava há imenso tempo. Sem que ele soubesse, estava-lhe grata por lhe proporcionar aquela experiência e sentiu que o mínimo que podia fazer era responder à pergunta. Contudo, não se imaginava a sair à varanda e a gritar para a rua o seu nome, pelo que decidiu recorrer ao mesmo método do rapaz. Começou a desenhar as letras do seu nome com os dedos nos vidros da porta e, a cada letra, o rapaz levantava o polegar para mostrar que percebera. Quando Mariana terminou, ele colocou a mão no peito e inclinou ligeiramente a cabeça em forma de agradecimento. Logo de seguida, fez-lhe um gesto convidando-a a sair, mas ela abanou a cabeça. Ele encolheu os ombros e abriu os braços como quem perguntava porquê?, mas Mariana limitou-se a desenhar um ponto de interrogação no vidro. Quando ele preparava mais uma pergunta, alguém o chamou e teve de se ir embora. Terminado mais um estranho, mas engraçado, diálogo, Mariana sentou-se numa das poltronas da biblioteca e ficou a olhar para o vazio, enquanto refletia sobre aquele desconhecido que passava a vida na rua ao lado de sua casa. O que iria acontecer a seguir? Devia ficar preocupada ou entusiasmada? Questionava-se. A resposta acabaria por chegar no dia seguinte, literalmente dentro de uma caixinha.